

# POPULAÇÕES EM INJUSTO ABANDONO

(Especial para o "Correio do Povo")

Gustavo Corção

Na semana passada o Presidente Kubitschek enviou ao Comitê dos 21 uma mensagem congratulatória que foi lida pelo chefe da delegação brasileira o sr. Augusto Frederico Schimidt. Depois de elogiar todo o mundo, como sempre costuma fazer nesse gênero de epístola, e de falar em progressos alcançados, etapas, hemisfério, sementes que darão frutos, etc. o sr. Presidente termina com estas palavras: "O princípio da solidariedade diante do perigo e da ameaça externa deve, doravante, aplicar-se, igualmente, à luta contra o injusto abandono em que se encontram populações inteiras deste continente, etc." Eu imagino bem a sonoridade com que foi lida a mensagem presidencial pelo poeta da morte e do galo branco, e imagino com igual facilidade o balançar de cabeças sul-americanas, os sorrisos próprios para comitês com que foi ouvida a mensagem presidencial. O que não consigo imaginar é o esforço intelectual que algum dos vinte e um tenha feito no hotel, a portas fechadas, para descobrir o sentido daquelas palavras que tinham aplaudido. Que quererá dizer, por exemplo, a expressão "injusto abandono"? A que populações fará referência o presidente? Provavelmente às populações da América latina, uma vez que ele usou a clara expressão "deste continente". Mas agora pergunto eu; abandonadas por quem? O qualificativo ético dado ao abandono parece querer significar que alguma entidade tem a obrigação de amparar as mencionadas populações, mas evidentemente não se refere o sr. Kubitschek aos governos das repúblicas que têm populações injustamente abandonadas, porque se assim fosse ele não teria elogiado tão irrestritamente os integrantes do Comitê. Não, é claro, claríssimo, que a obrigação de amparar, de elevar, de socorrer as infelizes populações injustamente abandonadas não compete a seus respectivos governos. Esses governos podem fazer tôdas as experiências que quiserem, podem fazer uma revolução nacionalista e acabar contrabandeando cocaína, como aconteceu na infortunada Bolívia; podem pensar que estão no tempo dos faraós e sugar tôdas as economias do povo para construir a Pirâmide da Alvorada, como vem acontecendo no desventurado Brasil. Ainda mais, os presidentes, os dirigentes, os membros dos comitês, os poetas e ministros, os embaixadores desses desgraçados países podem perfeitamente não participar da desgraça nacional.

Em geral são muito ricos. As embaixadas, os emissários, as comissões que o Brasil manda para o exterior custam, em regra geral, mais caro do que costumam custar os mesmos aparelhos diplomáticos para os grandes e ricos países. Temos então, na mensagem do Presidente, base para desenvolvimento de uma nova doutrina em matéria de política interna e internacional. Em primeiro lugar fica assentado o princípio que exime completamente de culpa os governos das nações chamadas sub-desenvolvidas pelo injusto abandono das populações. Em segundo lugar fica ainda mais solidamente assentado o princípio pelo qual o primeiro e maior responsável pelas misérias dos bolivianos, não podendo ser o sr. Paz Estensoro, tem de ser o presidente Eisenhower.

Como se vê, estamos diante de uma nova política e até de uma nova filosofia. Dos seus postulados tiram-se consequências curiosíssimas que entregamos aos estudiosos. Uma delas é a seguinte: não há pior negócio do que nascer em país sub-desenvolvido; mas em compensação não há melhor negócio do que governar país sub-desenvolvido. Corolário: quem nasce em país sub-desenvolvido, se quer sobreviver ao bicho de pé, ao mosquito, ao analfabetismo e à fome, tem de fazer tudo para se colocar na órbita, como satélite do governo, e quando dizemos "tem de fazer tudo" é tudo mesmo que tem de fazer. Não é difícil prever quais serão os costumes nesses países em que os pobres são tão desgraçados e os dirigentes tão felizes e tão aliviados de qualquer sentimento de responsabilidade. Nem remorsos precisam ter, porque isto é função do Presidente Eisenhower.

-0-

O leitor dirá talvez que eu estou fazendo pilhéria de opositorista. Não. Não estou. Infelizmente a pilhéria tornou-se quase um privilégio dos homens da situação. Eu considero a OPA uma pilhéria, como considero Brasília outra pilhéria. Decidirá o leitor qual delas é a mais fina, ou qual a mais imprópria para as reuniões onde há família. E pilhéria é essa mensagem que faz referência às populações em injusto abandono consagrando assim o princípio do Estado Tutelar ao mesmo tempo que

enaltece em outros instantes o princípio do Nacionalismo. Pobre América Latina! pobre gente essa população efetivamente abandonada por seus dirigentes! Inventaram a OPA como se o problema da América Latina fosse de relações exteriores, como se as dificuldades fossem de política internacional ou comércio internacional. Continente pacífico, bom sob esse ponto de vista das relações entre os diferentes estados, continente pacato, oposto ao atormentado e complicado mundo europeu onde tudo são susceptibilidades nacionais, a América Latina podia servir de exemplo ao mundo, podia reclamar o premio Nobel da Paz para ser colocado sob forma de símbolo um vertice da cordilheira dos Andes, podia ser o vasto território para a semente de uma nova civilização mais humana e mais cristã, podia ser a Terra exemplar da Concórdia e da humana felicidade se não fosse o azar, a fatalidade, sei lá o quê que fez a América Latina ser uma verdadeira vitrine de maus, de péssimos, de ridículos governos. E são os próprios emissários desses maus governos, com algumas exceções honrosas e meramente acidentais, que se reúnem para reclamar de Mr. Thomas Mann o abandono injusto em que se acham as populações do nordeste brasileiro ou de todo o território boliviano. O sr. Manuel Barau, Ministro das Relações Exteriores da Bolívia pediu urgente auxílio aos outros países, declarando sem muita cerimônia, que o seu governo está em bancarota. O emissário do Brasil fez o mesmo, mas quis ser esperto, quis assustar Tio Sam. Com franqueza

lhes digo, caros leitores, que escreveria para dizer-lhe que não dá dinheiro nenhum, nem um dollar, aos homens que atualmente exploram as populações injustamente abandonadas. Acho que os Estados Unidos devem ajudar o Brasil, mas para ajudar o Brasil é essencial, indispensável que não ajude aqueles que estão destruindo o mesmo Brasil. Se os Americanos estão com dinheiro de sobra tenham a paciência de esperar uns dois anos. Há perspectivas animadoras para nós. Esperem um pouco, e não dêem um dollar a essa turma que diz estar falando em nome de populações injustamente abandonadas.

Na verdade, meus caros amigos, esses governantes sul-americanos, com esta ou aquela exceção, estão fazendo o possível para convencer o resto do mundo que não merecem uma nacionalidade. E isto doi. Para quem escreve em português, amando a língua incomparável com que viveu e amou, amando a terra, o ar que respira, a palmeira com ou sem sabiá, e os amigos, os maravilhosos amigos que também falam a mesma língua e tem o mesmo velho jeito de andar, de ser, por onde se conhece um brasileiro às leguas como eu os conhecia no outro lado do boulevard Haussman (às vezes para fugir deles que quando são chatos são chatíssimos) e sem ser para me gabar das viagens, que aliás fiz poucas — ah! como doi! E não falei dos pais e das mães que conhecemos e que por estas horas estão obstinadamente ensinando os filhos a ser o que não são seus dirigentes.